

OBITUÁRIO DA PROFESSORA MARIA CHRISTINA DE ALMEIDA*

ORGANIZADO POR SEBASTIÃO LAROCA PhD (UFPR)]

As pessoas nascem, vivem e morrem. Este é o ciclo de todos os seres vivos. Nada é imutável, e entre os seres inanimados, apenas o diamante dura um pouquinho mais! Todavia, segundo o que nos ensinam os sábios, no mundo nada se cria e nada se perde, tudo se transforma. Mas então, o que é a morte? Apenas um episódio, como nos ensina a natureza fria. Mas nós não somos frios, tibios em relação aos nossos semelhantes! E aqueles que se encontraram mais próximos, que conviveram conosco, estes não nos são indiferentes, pois marcaram nossa vida, nos transformaram, tornando-nos indivíduos híbridos: um pouco de nós próprios, um pouco do outro.

E é assim que vemos nossa relação com a Chris. Há muito dela em nós, e por isso será impossível esquecê-la. Sua presença estará sempre no que fez, no que aspergiu em sua volta. E ela mais do que ninguém aspergiu o bom ar, o perfume de quem sabe conjugar os verbos amar, respeitar, tolerar, doar-se, ser responsável... e muito mais! E tudo isto até as crianças sabem. Meus netos, Giovanna Ciambra Laroça, Fernanda Sophia Morais Laroça e Francisco André Laroça tinham-lhe verdadeira reverência, pois ela os havia visto nascer e crescer. Fernanda foi sua aluna particular de biologia molecular com a tenra idade de 11 anos. Todos, assim como meus filhos, sentiram sua imensa falta. A nossa mais velha, Christine ficou inconsolável quando soube de sua morte. André Augusto (hoje já falecido) com seu formalismo de bacharel de direito a chamava de “dona Maria”; Fernando com ares magisteriais de ex-professor (UFPR) admirava a sua prática docente e aprendeu muito

* [Nascida em Sertãozinho (SP) — 15 de junho de 1954 e falecida em Curitiba (PR) — 7 de novembro de 2018].

com ela; Kátia, como ex-professora primária (além de comissária de bordo) com seu espírito meio esportivo e jovial também a tratava com admiração. Luciana, a designer publicitária de nossa família, sempre buscava sua opinião sobre o trabalho que realizava e lhe deu assistência quando a Chris já estava debilitada pela doença. E os mais velhos também; minha madrastra Iva Santos, castrense, a conheceu em minha casa e logo ficou sua amiga e confidente. Ou seja, em nossa casa a Chris foi unanimidade.

Seu nome completo era Maria Christina de Almeida. Nascida em Sertãozinho (SP), filha do doutor Cleber de Almeida e de dona Elza de Almeida. Era uma brasileira genuína, pois, como quase todos nós, suas raízes eram variadas. Sua mãe descende de italianos e espanhóis. Seu pai tinha os pés na Bahia, e de lá vinham-lhe raízes de famílias tradicionais, dentre as quais os Almeida, os Fiuza e os Brochado. Alguns ligados à política, uma vez que um deles chegou a ocupar o cargo de primeiro-ministro do Brasil. Um de seus bisavós estudou na escola francesa de Montpellier e foi um importante químico e professor na Escola de Minas de Ouro Preto (hoje pertencente à Universidade Federal de Ouro Preto).

Nos conhecemos em (fevereiro de 1980), no dia em que os alunos e alunas recém-admitidos no Curso de Pós-graduação (mestrado) em Ciências Biológicas (Entomologia) foram apresentados aos professores. Ela viera para a Universidade Federal do Paraná para ser orientada pelo famoso sistemata dos Apoidea, doutor padre Jesús Santiago Moure. Antes havia passado pelo convívio de outro melitologista, João Maria Franco de Camargo, do Departamento de Genética da USP de Ribeirão Preto. Foi também estagiária da Hematologia. Mas o que me chamou a atenção naquele momento inicial de sua vida na Universidade foi seu comportamento retido e silencioso. Percebi logo que seríamos amigos, pois no que fazíamos havia escassez de pesquisadores, e Maria Christina foi um enorme reforço nesse sentido. Mas quando começou o curso, nos separamos por um longo tempo, uma vez que os deveres de ofício nos chamavam para cantos diferentes do departamento. Vez por outra nos encontrávamos na hora do cafezinho. Nada mais!

Acontece que o assunto de sua tese era complicado e trabalhoso: sistemática das abelhas nativas sem ferrão do gênero *Trigona*. Como é comum no início da feitura de uma tese, especialmente quando o candidato é novato no assunto, e ela escolheu um tema grande demais, acredito que seria a revisão de todo o gênero *Trigona* (hoje com cerca de 29 espécies descritas). Dada essa escolha, e acredito que em comum acordo

com seu orientador, restringiu seu assunto para apenas as espécies de cor preta, deixando as ferrugíneas para um possível assunto de tese de doutorado. Mesmo assim fiquei sabendo que o tema escolhido continuou ainda bastante pesado, pois além de ter que reunir uma enorme bibliografia, teve que se dirigir a várias instituições científicas brasileiras (museus e instituições de pesquisas) em busca de exemplares para seus estudos. Tenho conhecimento que viajou para São Paulo (Museu de Zoologia da USP), Rio de Janeiro (Museu Nacional), Maranhão (Universidade Federal do Maranhão, onde naquele momento trabalhava João Maria Franco de Camargo, especialista em Meliponini), Belém do Pará (Museu Goeldi), Manaus (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), além de entrar em contato com várias outras instituições nacionais e estrangeiras. Para se ter uma ideia do quanto foi árdua sua pesquisa, só de uma espécie, *Trigona spinipes* (Fabricius), ela mediu cerca de 10 mil exemplares (operárias), cujos organismos tinham tamanho quase constante, com variações mínimas. No entanto, rigorosa que era, mediu-as todas! E aí ficamos sabendo que nessa espécie a sociedade é perfeita, e a justiça social atinge o pináculo. Mas essa sociedade tem problemas, por exemplo, as operárias não se reproduzem pois “delegam” o direito à reprodução geralmente a uma irmã (a rainha), e sua vida tem pouco valor como indivíduo. Pesquisadores que são partidários da origem energética da sociabilidade (“the price of sociality”) dizem mais ou menos o seguinte: “a sociedade dos insetos existe porque esta é a maneira mais parcimoniosa de manter um número de indivíduos por área, dada a carência de recursos [...]”. Argumentam que na vida isolada o gasto de recursos *per capita* é muito maior. Mas eu pergunto: A que preço? A liberdade não tem preço! Como dizem os titãs (Arnaldo Antunes/Marcelo Fromer/Sérgio Britto): ... “a gente não quer só comida ... a gente quer comida, diversão e arte ... a gente quer saída para qualquer parte”. E isto a Chris sabia!

A sua empreitada na tese de mestrado não se restringiu apenas às medições de *spinipes*, mas sobretudo em uma abordagem compreensiva no grupo de Meliponini ao qual se dedicou.

Todavia, voltemos à vida profissional da doutora Maria Christina de Almeida. Se pudéssemos definir sua vida profissional diríamos: trabalho, trabalho e mais trabalho! E muita responsabilidade! Ela vivia repetindo a todos que a rodeavam uma frase do ilustre Oswaldo Cruz: “Nada resiste ao trabalho!”. Outra expressão bem comum que ouvíamos dela era “eu não vim ao mundo a passeio”, referindo-se também às tantas dificuldades que enfrentou em sua trajetória profissional, embora por sua obstinação

e esforço, tenha sido reconhecida em seu ambiente de labor.

Depois de fazer e defender sua tese de mestrado com a nota máxima e com louvor, partiu para outra seara. O plano inicial de sua tese de doutorado foi por água abaixo, uma vez que seu orientador, por motivos alheios ao nosso entendimento, destinou o assunto das trigonas amareladas a outro seu discípulo. Isto levou a Christina a procurar uma saída alternativa para seu trabalho, e foi aí que passamos a conviver mais, uma vez que assumi sua orientação de doutorado, e então escolhemos para ela um assunto bastante palpitante, mas muito complexo e trabalhoso, que era estudar a fauna das abelhas de um dos últimos relictos de cerrado existente na região de Jaguariaíva, no Paraná. Trata-se de uma “região de contato” (conceito do doutor Aziz Ab’Saber) entre os biomas do cerrado e da floresta de araucárias, característica dos estados do Sul do país. O que acontece nessa região é que o cerrado se interdigita com a vegetação sulina. E, pela “teoria dos contatos” do geógrafo e geólogo professor Aziz Ab’Saber, o que pode se esperar dos ecossistemas nessa área? Alto grau de endemismos, uma vez que a vegetação resultante não é nenhuma das vegetações confluentes! E isto foi verificado pela Maria Christina, que descreveu algumas espécies da região (umas publicadas e outras não). Aliás, esse seu novo projeto de pesquisa foi lido e aprovado com entusiasmo pelo doutor Aziz. Doutor Paulo Emílio Vanzolini (compositor musical e diretor do Museu de Zoologia da USP) também demonstrou grande entusiasmo por esse tipo de projeto.

Já dentro dessa perspectiva de tese fizemos em 1994, ela e eu, um trabalho inicial denominado “O relictos de cerrado de Jaguariaíva (Paraná, Brasil): padrões biogeográficos, melissocenos e flora melissófila” (*Acta Biológica Paranaense*, Curitiba, 23: 89-122). E a partir daí ela iniciou seu árduo trabalho de levantamento de dados para sua tese, incluindo um trabalhoso levantamento de campo em um local a 300 km de Curitiba. Tudo com recursos próprios, a exemplo do que eu já havia feito na área. Terminou sua tese de doutorado em 2003, defendendo-a e obtendo conceito máximo com louvor. A tese defendida foi “Biocenótica e taxonomia de abelhas silvestres (Hymenoptera, Anthophila) de áreas restritas de cerrado no município de Jaguariaíva, Paraná, Sul do Brasil”.

Ela tinha a “sede do saber” e por isto frequentou vários cursos no Brasil e no exterior, assim como participou de vários eventos internacionais. Fez cursos na Espanha e na Grã-Bretanha. Na Espanha terminou um curso de língua e cultura espanhola que havia seguido em Curitiba. Na Inglaterra, fez “Especialização em *Taxonomy and Biology*

of Parasitic Hymenoptera”, na The University Of Sheffield, na qual travou contato com os grandes especialistas da área. O grupo objeto de estudo era importante para a sequência de seus trabalhos em controle biológico.

Chris teve uma importante parceria profissional com o doutor Luís Amilton Foerster, também egresso de uma instituição inglesa (Imperial College de Londres) e especialista em controle de insetos.

Sua vida docente foi muito rica, pois lecionou em vários cursos de graduação, tais como os de Ciências Biológicas, Agronomia, Engenharia Florestal e Geologia. Era neste último que ela mais apreciava lecionar. Mas a grande maioria dos alunos lhe dedicavam muita admiração e, não raro, já formados, voltavam para lhe prestar pleitos e pedir conselhos profissionais, pois ela conquistou uma grande empatia deles. Posso afirmar que ela se dedicava muito ao ensino, especialmente o básico, pois acreditava que aí estava uma das chaves para o desenvolvimento do país e a inclusão social.

Com sua ação decisiva, fizemos um projeto para trabalhar junto com pesquisadores da Embrapa (na seção da empresa que fica em Colombo, na região metropolitana de Curitiba) na polinização das lauráceas e anacardiáceas, que ainda está em curso. Fui colega de docência dela em um curso idealizado por mim e pelo doutor Ênio Luz, médico sanitário e professor titular da UFPR, intitulado *Epidemiologia de insetos vetores importantes na saúde pública*. Infelizmente este curso não teve sequência posteriormente, porque os professores do departamento em pauta não entenderam nossa proposta pedagógica, que se destinava à formação holística dos estudantes, e optaram por um curso com disciplinas mais especializadas, no nível celular e molecular. Ainda na docência, e no âmbito de nossa universidade, participou em inúmeras atividades docentes e administrativas, como na chefia do Departamento de Zoologia, membro de colegiados (dos cursos de Geologia, Engenharia Florestal, Agronomia, conselho setorial etc.), foi membro da comissão editorial da revista científica *Acta Biológica Paranaense* (periódico do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná). Foi curadora do Museu de Entomologia “Padre Jesús Santiago Moure” e, já doente, ficou muito indignada com a grande tragédia do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Além dos artigos científicos em sua especialidade, publicou também o livro *Insetos de importância econômica: guia ilustrado para identificação de família*, em coautoria com Eduardo Toshio Fujehara, Edison Luiz Lopes Baldin, ambos da Universidade Estadual

Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Unesp, campus de Botucatu, que é um referencial no ensino da ciência entomológica e foi onde, aliás, a professora Maria Christina também exerceu o magistério por concurso público durante alguns anos, período em que foi colega de doutor Forti (maior especialista do Brasil nas formigas saúvas), da doutora Isabela Maria Piovesan Rinaldi, do doutor Nelson Bernardi e do doutor Adelmo Scivittaro. Lá fez grandes amizades e frequentemente era convidada, especialmente pelo doutor Forti, para bancas de tese e outros eventos universitários.

Devo dizer que participei, em Botucatu (SP), do lançamento do livro mencionado, e que presenciei nas palavras proferidas pela professora Maria Christina, na oportunidade, a veemência com que confessou a grande admiração que tinha pelo seu estado natal, o que muito me chamou a atenção. De fato, ela era uma grande bairrista (no bom sentido) ao defender seu torrão de nascimento!

Comigo e o doutor Sandor Christiano Buys (Fiocruz), Maria Christina publicou o *Catálogo ilustrado dos tipos de abelhas (Hymenoptera, Anthophila) depositados na Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro (RJ)*.

Em outras palavras, a vida da doutora Maria Christina de Almeida foi laboriosa, produtiva, solidária, pautada pela honestidade e com certeza contribuiu com o seu melhor para o desenvolvimento de pessoas, de seu estado natal e do país, e além disso deixou enorme saudades em todos com quem conviveu.

Saudades, Sebastião

Depoimento da Professora Doutora Setuko Masunari

(Professora do Departamento de Zoologia
da Universidade Federal do Paraná)

Professora nata, para Maria Christina, o ensinar era mais importante que o respirar... Crescida numa família de hábitos tradicionais do interior de São Paulo, e orgulhosa de sua origem uspiana, sua preocupação com a qualidade de ensino era constante. Eloquente oradora, certamente, recebeu este dom de seu pai advogado. Onde quer que esteja, ela viverá em nossos corações eternamente.”

Depoimento do Professor Doutor Luís Amilton Foerster

(Professor do Departamento de Zoologia)

da Universidade Federal do Paraná)

Maria Christina ingressou no corpo docente do Departamento de Zoologia da UFPR. Por cerca de 20 anos dividimos as aulas na disciplina de entomologia agrícola. Tanto no convívio diário, como nas atividades didáticas, Christina foi exemplo de retidão e ética, valores que as centenas de alunos que tiveram o privilégio de tê-la como professora, levaram consigo no decurso de suas vidas. Seu conhecimento não se limitava simplesmente aos aspectos profissionais, sendo que em pouco tempo de conversa se percebia o quão rica Christina era culturalmente. Educada, de finos modos, e portanto elegante, marcou para sempre aqueles com quem compartilhou trabalho, lazer e lutas.

Saudades, Luís

Depoimento do Professor Carlos de Bortoli

[Professor de Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PR) e da UNICENTRO (Guarapuava, PR)]

A turma para cursar o mestrado em Entomologia da Universidade Federal do Paraná estava iniciando suas atividades. Éramos seis. Todos demonstrando um misto de euforismo e nervosismo. Apesar de já nos termos vistos no “teste de seleção”, não nos conhecíamos... Aos poucos as apresentações: eu sou Engenheiro Agrônomo... Nós trabalhamos na SURHEMA (antiga instituição que deu origem ao IAP – Instituto Ambiental do Paraná)... *Yo soy colombiano*... Sou de Ponta Grossa e professor na UEPG e na UNICENTRO ... Sou de Sertãozinho, estado de São Paulo, estudei na Universidade de Ribeirão Preto e fui aluna de João Maria Camargo, melitologista e conheço o professor Warwick Estevam Kerr, introdutor das abelhas africanas em Rio Claro: a mais orgulhosa e “bairrista” de todos, Maria Christina de Almeida!

Trouxe minha família para morar em Curitiba enquanto cursava o mestrado e logo meus colegas conheceram minha esposa e minhas filhas e começaram a frequentar nossa casa. Maria Christina afeiçãoou-se delas de tal forma que, durante todo tempo decorrido desde então até seu passamento, sempre que nos encontrávamos, exclamava: “E daí, Carlão? E as meninas? E Mabel?”. Sempre preocupada com o nosso bem estar e o desenvolvimento de nossas filhas.

Uma vida dedicada com afinco ao trabalho e à aquisição de conhecimentos. Uma vida obstinada aos objetivos de se tornar docente

da UFPR, atingidos com muitos méritos, sempre com entusiasmo, visando progredir cada vez mais na sua notável carreira.

Eu me orgulho muito de ter sido colega e amigo da Chris...

Depoimento do Professor Doutor José Ricardo Cure Hakim

[Diretor da Escuela de Biología Aplicada, da Universidad Militar de Nueva Granada (Colômbia)]

Recebi a noticia do falecimento da Professora Maria Christina de Almeida com muito pesar. Agradeço-lhe por ter compartilhado comigo o obituário. Não soube muito da Chris por muitos anos e ignorava muitas das coisas que você diz.

Estas perdas mudam muito a nossa vida e dão a ela uma dimensão muito mais espiritual. Ajudam repensar as prioridades e dar maior valor as coisas mais simples. É a generosidade de quem vai embora com os que ficam aqui por mais um tempo. E nos enviam uma mensagem muito poderosa: “Olha, tome cuidado, dedique mais tempo a vida mesma e menos às mesquinhas do dia a dia.

A Chris foi mesmo uma pessoa muito bonita e é por isto que as crianças sempre a reconheceram como parte do seu mundo. A Susana minha filha é afiliada dela (Chris foi a sua madrinha de batizado), não por um acaso, mas porque ela foi uma pessoa muito próxima de mim e da Patricia minha mulher. A Susana sentiu muito quando lhe disse ontem que a Chris tinha falecido. Susana sempre guardava na sua memória uma imagem ideal e muito pura da sua madrinha.

Lembro bem quando encontrei a Chris pela primeira vez, como colega do curso de pós-graduação. Nos demos bem imediatamente. Ela vinha de Sertãozinho e fazia questão de ser uma super leitora do Estadão, que era o diário que o seu pai mais valorava. Tinha um grande orgulho do seu pai, advogado, que tinha se formado no “largo de Sao Francisco”. Soube por ela também que no Brasil, pelo menos no Estado de Sao Paulo a melhor forma de prestigiar um evento era oferecendo “vinho do porto”. Isto ficou como uma curiosidade para mim e lembrei muito deste fato e dela, faz um par de meses, quando por uma curiosidade da vida tive que ir ao Porto, através de um projeto de pesquisa que tenho como a União Europeia. Mais curioso ainda é que no projeto participa a sociedade de produtores de vinho de Portugal SOGRAPE (a minha parte é com café)

e que eles, os produtores de vinho eram os anfitriões dessa primeira assembleia geral do projeto. Entre outras coisas tivemos a oportunidade de aprender o que significa o vinho do Porto e porque razão ele é tão apreciado no mundo. Finalmente entendi o mistério e sofisticação do vinho do Porto, que a Chris me apresentou, e que no momento eu fiquei sem jeito e encabulado de perguntar, por que era tão especial?

Outro detalhe. Fiquei muito ruim em algum momento entre o primeiro e o segundo semestre do curso, com uma crise de sinusite que me impediu de ir na universidade por mais de uma semana, com uma dor de cabeça que não me deixava nem abrir os olhos. . Eu ainda não tinha casado e morava na pensão da Desembargador Westphalen junto com o Cláudio. Quem veio me resgatar da doença foi a Chris junto com o Carlos de Bortoli. O Carlos foi o pai de todos nós.

Quando eu já estava casado e a Susana nasceu, em algum momento, a Chris deixou a pensão em que morava e ficou com a gente em casa por um curto tempo. Aí compartilhamos um pouco mais a nossa rotina diária da vida. Acho que foi nesse momento que a Susana foi batizada e a Chris conseguiu que o Pe. Moure fosse quem realizasse a cerimônia.

Na primeira pensão ela morava, chegou Ângela esposa de Afonso Ignácio Orth. Depois de ficar com a gente acho que foi morar sozinha, mas acredito que em algum momento morou com a Ketí, também uma boa amiga minha.

A nossa visão do mundo e das pessoas é muito relativa. Nós, os alunos daquela turma do curso, fomos muito solidários com o Luiz Antonio, que teve problema com um dos professores do curso, e que foi o nosso colega de turma, que vinha de sua graduação em Piracicaba; era o mais novinho da turma e veio para Curitiba para conhecer melhor “o inseto” do ponto de vista biológico, uma vez que em Piracicaba o mesmo era apenas um problema de praga. O Luiz Antonio era muito bom rapaz e muito sério nos seus estudos (foi também meu companheiro de pensão), mas deixou o curso sem terminar porque o não se comportou bem com ele. Luis Antonio casou-se com Darcy, aluna do curso também, mas de outra turma, que veio estudar sendo professora de Maringá. Era descendente de japoneses. Fizeram uma bonita família. Eu fui amigo deles e os visitei em Taubaté donde Luiz foi professor.

Falei muito com a Chris quando foi para Botucatu. Acho que foi uma boa experiência para ela porque demonstrou-lhe todo o seu potencial pessoal, mais ao mesmo tempo fez com que ela valorizasse melhor o que Curitiba oferecia. Uma pena que o grupo de Curitiba da época era um pouco hostil e a Chris teve muita dificuldade para manejar isto (não

era brincadeira!). Pode ser porque para o concurso de professor ela não era considerada “prata da casa” (expressão que aprendi ai) ou porque a gente tinha alguma ligação como o padre Moure e com você. Acho que isto marcou muito a vida da Chris daí para frente.

Depois disto perdi muito o contato com ela. Mesmo quando estive por lá com a família hospedado na casa da Ione, esposa do César, pelo menos em duas ocasiões, não tive possibilidades de encontrá-la. Susana e Patricia sempre quiseram encontrá-la e conversar com ela e tentamos de várias formas com ajuda da Ione mas não foi possível.

Saudades é o que eu e minha família sentiremos para sempre!



Fotografia antiga da Professora Maria Christina de Almeida com sua afilhada Suzana (acervo do Prof. José Ricardo Cure Hakim).

